



JUDITH McNAUGHT

ALGO MARAVILHOSO



B
BERTRAND BRASIL

JUDITH MCNAUGHT



ALGO MARAVILHOSO

Tradução
Carolina Simmer

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2019

Copyright ©1988 by Eagle Syndication, Inc.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para a Editora Bertrand Brasil. Editora Bertrand Brasil é uma empresa do Grupo Editorial Record.

Título original: *Something Wonderful*

Imagens de capa: Flik47/Shutterstock (castelo) e Irina Alexandrovna/Shutterstock (mulher)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2019

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

McNaught, Judith, 1944-

M429a Algo maravilhoso [recurso eletrônico] / Judith McNaught ; tradução Carolina Simmer. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2019.
recurso digital

Tradução de: *Something wonderful*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2400-7 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Simmer, Carolina. II. Título.

19-55539

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela: EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para Christopher Brian Fehlig

*Você era o sobrinho pequeno e fofo que eu amava.
Agora, é um homem a quem admiro e respeito como amigo.*

Um agradecimento especial

A Melinda Helfer, por seu apoio e incentivo durante a produção deste livro.

E a Robert A. Wulff, cuja competência e bondade permitiram que eu me concentrasse no trabalho e deixasse todo o resto com ele.

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Epílogo

Capítulo 1

A loura voluptuosa levantou a cabeça, apoiou-se sobre um cotovelo e cobriu os seios com um lençol. Franzindo levemente a testa, ela observou o belo jovem moreno de 18 anos parado diante da janela do quarto, com um ombro encostado no batente, fitando a festa em homenagem à mãe que ocorria no jardim nos fundos da mansão.

— O que lhe parece mais interessante do que eu? — perguntou Lady Catherine Harrington enquanto se enrolava no lençol e seguia até a janela.

Jordan Addison Matthew Townsende, futuro Duque de Hawthorne, não pareceu ouvi-la enquanto observava o terreno da suntuosa propriedade que seria dele após a morte do pai. Enquanto observava o labirinto de sebes lá embaixo, viu a mãe surgir por entre os arbustos. Lançando um olhar rápido e furtivo ao redor, a mulher ajeitou o corpete do vestido e arrumou o pesado cabelo escuro. Um instante depois, Lorde Harrington apareceu, dando um nó na gravata. A risada dos dois enquanto iam embora de braços dados subiu até a janela aberta do quarto.

Um leve cinismo desfigurou a beleza dos traços elegantes de Jordan enquanto o rapaz observava a mãe e o novo amante atravessando o gramado e perambulado até o arvoredo. Alguns instantes depois, o pai saiu do mesmo labirinto, olhou ao redor e, então, ajudou Lady Milborne, a amante atual *dele*, a sair dos arbustos.

— Aparentemente, minha mãe arrumou um novo caso — comentou Jordan, sarcástico.

— É mesmo? — perguntou Lady Harrington, espiando a janela. — Quem?

— Seu marido. — Virando para encará-la, ele analisou aquele belo rosto, procurando algum indício de surpresa. Quando não encontrou, seus próprios traços se transformaram numa rígida máscara de ironia. — Você sabia que os dois estavam no labirinto, e foi por isso que resolveu se interessar pela *minha* cama, não é?

Ela assentiu com a cabeça, desconfortável sob o olhar implacável daqueles gélidos olhos acinzentados.

— Achei — começou a dama, passando a mão pelo peito forte dele — que seria divertido se *nós* também... hum... ficássemos juntos. Só que meu interesse pela sua cama não foi um impulso, Jordan, mas algo que eu queria há muito tempo. Agora que sua mãe e meu marido estão se divertindo, não vi motivo para não realizar meu desejo. Qual o problema disso? — O rapaz permaneceu em silêncio, e ela analisou sua fisionomia indecifrável com um sorriso recatado. — Você está chocado?

— De forma alguma — respondeu Jordan. — Sei dos amantes de minha mãe desde os 8 anos de idade e duvido que me surpreenderia com as ações de qualquer mulher. Se muito, acho estranho você não ter organizado um encontro de nós seis no labirinto para uma pequena reunião de “família” — concluiu ele com deliberada insolência.

A dama emitiu um som abafado, meio rindo, meio horrorizada.

— Agora, quem ficou chocada fui *eu*.

Despreocupado, ele esticou o braço e ergueu o queixo dela, analisando aquele rosto com um olhar duro e sábio demais para sua idade.

— Por algum motivo, duvido disso.

Subitamente envergonhada, Catherine tirou a mão do peito do rapaz e apertou o lençol contra o corpo nu.

— Ora, Jordan, não entendo por que me olha com desdém — disse ela, o rosto refletindo uma confusão sincera e certa irritação. — Você não é casado,

então não sabe como nossa vida é insuportavelmente maçante. Sem nossos flertes para afastar o tédio, todos enlouqueceríamos.

Diante do tom trágico na voz da amante, o semblante dele se tornou bem-humorado, e os lábios firmes e sensuais formaram um sorriso sarcástico.

— Pobre Catherine — disse Jordan, seco, esticando o braço e acariciando a bochecha dela com as costas da mão. — Que má sorte as mulheres têm. Desde o dia em que nascem, recebem tudo que desejam de mão beijada, então não precisam batalhar por coisa alguma. E, mesmo que precisassem, nunca receberiam permissão para fazê-lo. Não deixamos que estudem, e são proibidas de praticar esportes, de forma que não conseguem exercitar nem a mente nem o corpo. E não podem sequer se apegar à honra, pois, enquanto a de um homem pertence a ele por quanto tempo quiser, a de uma mulher fica entre suas pernas e é perdida para o primeiro que a possui. Como a vida é injusta para vocês! — concluiu ele. — Não é de admirar que sejam todas tão entediadas, devassas e fúteis.

Catherine hesitou, chocada com as palavras, sem saber se estava sendo ridicularizada. Então, deu de ombros.

— Você tem toda razão.

Ele a encarou com um olhar curioso.

— Você nunca pensou em tentar mudar isso tudo?

— Não — admitiu a dama, direta.

— Admiro sua sinceridade. É uma virtude rara na sua espécie.

Apesar de só ter 18 anos, o fascínio que as mulheres sentiam por Jordan Townsende já era assunto muito comentado entre a população feminina, e, enquanto Catherine fitava aqueles olhos acinzentados cínicos, subitamente se sentiu atraída pelo rapaz como se ele emitisse uma força magnética irresistível. O olhar de Jordan passava compreensão, além de um toque de humor e uma sabedoria que ia muito além de sua idade. Eram essas coisas, talvez até mais que sua beleza morena e a virilidade que exalava pelos poros, que o tornavam tão atraente para as mulheres. O rapaz as entendia — entendia *ela* — e, apesar de ser óbvio que não admirava nem aprovava o

comportamento de Catherine, ele a aceitava do jeito era, com todas as suas fraquezas.

— Você vem para a cama, milorde?

— Não — respondeu ele, imperturbável.

— Por quê?

— Porque não estou entediado a ponto de querer dormir com a esposa do amante da minha mãe.

— Você não... você não tem as mulheres em boa conta, certo? — perguntou Catherine, incapaz de se conter.

— E, por acaso, eu deveria ter?

— Eu... — Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça, relutante. — Não. Imagino que não. Mas, um dia, terá que se casar para ter filhos.

De repente, os olhos de Jordan brilharam, achando graça, e ele voltou a se apoiar no batente da janela, cruzando os braços.

— Casar-me? Sério? É assim que as pessoas procriam? E eu passei esse tempo todo pensando...

— Jordan, francamente! — exclamou ela, rindo, absolutamente fascinada por aquela versão relaxada e brincalhona do rapaz. — Você precisará de um herdeiro legítimo.

— Quando eu tiver que me comprometer com alguém para produzir um herdeiro — respondeu ele num tom amargurado —, vou escolher uma moça ingênua, sem qualquer entendimento do mundo e que não hesite em fazer tudo que eu quiser.

— E quando ela ficar entediada e procurar outros divertimentos, o que você vai fazer?

— Ela vai ficar entediada? — perguntou o rapaz com rispidez.

Catherine analisou seus ombros largos e musculosos, o peito proeminente, a cintura estreita, então passou para os traços fortes e bem-esculpidos. Numa camisa de linho e calça de cavalgada justa, cada centímetro da figura alta de Jordan Townsende irradiava um poder intenso e uma sensualidade velada. As sobancelhas dela se ergueram acima dos olhos verdes cheios de sabedoria.

— Talvez não.

Enquanto a dama se vestia, Jordan voltou-se para a janela e observou com indiferença os elegantes convidados que se reuniam nos gramados de Hawthorne para celebrar o aniversário da mãe. Para um forasteiro, a propriedade certamente pareceria um paraíso que exalava fascínio e exuberância, cheio de lindos pássaros tropicais despreocupados que se pavoneavam em sua elegância. Para o jovem rapaz, a cena não tinha nada de interessante nem de belo; ele sabia muito bem o que acontecia entre as paredes daquela casa quando os convidados iam embora.

Aos 18 anos, Jordan não acreditava na bondade inerente de ninguém, nem mesmo na própria. Ele tinha um nome importante, boa aparência e riqueza; mas também era melancólico, contido e circunspecto.

COM O PEQUENO QUEIXO apoiado nos punhos, a Srta. Alexandra Lawrence observava a borboleta amarela pousada no parapeito da janela da casa do avô, então voltou a se concentrar no amado homem grisalho sentado no lado oposto da mesa.

— O que o senhor disse, vovô? Não ouvi.

— Perguntei por que essa borboleta está mais interessante que Sócrates hoje — repetiu o velho bondoso com um sorriso para a garota miúda de 13 anos, que puxara os cachos castanhos e brilhosos da mãe e os olhos azuis-esverdeados dele.

Achando graça, o avô tamborilou sobre o livro com a obra de Sócrates que tentava ensinar para a neta.

Alexandra abriu um sorriso arrependido capaz de derreter o coração de qualquer um, mas não negou que estava distraída, pois tinha aprendido com o avô gentil e erudito que “a mentira é uma afronta à alma, assim como um insulto à inteligência da pessoa para quem se mente”. E ela jamais faria qualquer coisa para insultar aquele homem afável que lhe transmitira sua sabedoria de vida, além de ter lhe ensinado matemática, filosofia, história e latim.

— Eu estava me perguntando — admitiu a garota com um suspiro reflexivo — se existe alguma possibilidade de eu estar na “fase do casulo” agora e, num futuro próximo, me transformar numa bela borboleta.

— E qual é o problema de ser um casulo? Afinal de contas — citou ele, brincando —, “nada é belo sob todos os pontos de vista”.

Os olhos do velho brilhavam enquanto esperava para ver se a neta reconheceria a citação.

— Horácio — respondeu ela na mesma hora, sorrindo.

Ele concordou com a cabeça, satisfeito, e disse:

— Não precisa se preocupar com sua aparência, minha querida, porque a verdadeira beleza vem do coração e mora nos olhos.

Alexandra inclinou a cabeça, pensando, mas não conseguiu lembrar de nenhum filósofo, antigo ou moderno, que tivesse afirmado algo assim.

— Quem disse isso?

O avô riu.

— *Eu.*

A risada que se seguiu retiniu como o badalar de sinos, enchendo o cômodo ensolarado com a alegria musical da garota, e, então, ela ficou séria.

— Quando papai vem nos visitar, sei que fica decepcionado por eu não ser bonita. Ele tem todos os motivos para esperar mais de mim, porque a mamãe é linda, e ele, além de também ser bonito, é primo em quarto grau de um conde, vínculo familiar este constituído pelo casamento.

Quase incapaz de esconder seu desagrado com o genro e sua alegação duvidosa de uma conexão obscura com um conde obscuro, o Sr. Gimble citou:

— A virtude é o primeiro título de nobreza.

— Molière — disse Alexandra, nomeando a fonte da citação sem pestanejar. — Mas o senhor precisa admitir que o destino foi cruel ao dar a ele uma filha de aparência tão comum — continuou ela, voltando à preocupação original. — Por que eu não podia ser alta e loura? — prosseguiu ela, tristonha. — Seria muito melhor do que me parecer com uma cigana, como papai diz.

Ela voltou a contemplar a borboleta, e os olhos do Sr. Gimble brilharam com ternura e encanto, pois sua neta não era nem um pouco comum. Quando a menina tinha 4 anos, ele começara a lhe ensinar a ler e escrever, assim como fazia com todas as crianças do vilarejo sob sua tutela, mas a mente de Alex era mais fértil que a dos outros, mais rápida e mais capaz de apreender conceitos. Os filhos dos camponeses eram aprendizes desinteressados, que passavam apenas alguns anos estudando antes de irem trabalhar com os pais no campo, casarem, terem filhos e recomeçarem o ciclo da vida. Mas Alex puxara o fascínio do avô pelo conhecimento.

O velho sorriu para a neta; no fim das contas, o tal “ciclo” não era assim tão ruim, pensou ele.

Se o Sr. Gimble tivesse seguido suas tendências da juventude e permanecido solteiro, dedicando a vida aos estudos em vez de se casar, Alexandra Lawrence jamais existiria. E Alex era um presente para o mundo. O presente dele para o mundo. A ideia o enchia de ânimo e o envergonhava ao mesmo tempo, porque aquilo cheirava a orgulho. Ainda assim, não conseguia conter a onda de satisfação que o invadia sempre que olhava para a garota de cabelos cacheados sentada diante de si. Ela superava todas as suas expectativas. Alexandra era gentileza e risadas, inteligência e vontade inabalável. Vontade demais, talvez, e sensibilidade demais também — pois a garota se virava do avesso para agradar o pai fútil durante suas parcas visitas.

O Sr. Gimble se perguntou com que tipo de homem a neta se casaria — ele esperava com todas as forças que fosse alguém bem diferente do marido de Felicia. Sua filha não tinha a mesma força de caráter de Alexandra; ele a mimara demais, pensou o velho com tristeza. Ela era fraca e egoísta. E se casara com um homem igual; Alex merecia alguém muito melhor.

Com a sensibilidade de sempre, Alexandra percebeu a súbita mudança de humor do avô e tentou animá-lo.

— O senhor está se sentindo mal, vovô? Está com dor de cabeça de novo? Quer uma massagem no pescoço?

— Minha cabeça está doendo um pouquinho — disse o Sr. Gimble, e, enquanto molhava sua pena na tinta e escrevia as palavras que um dia se

tornariam *Uma dissertação completa sobre a vida de Voltaire*, a neta deu a volta na mesa e começou a usar suas pequenas mãos para aliviar a tensão nos ombros e no pescoço do avô.

Assim que as mãos pararam de se mover, ele sentiu algo roçar por sua bochecha. Concentrado no trabalho, o Sr. Gimble esfregou o rosto no lugar que coçava. Um instante depois, seu pescoço coçou, e ele o esfregou. A coceira mudou para a orelha direita, e ele reprimiu um sorriso exasperado ao perceber que a neta lhe fazia cócegas com uma pena.

— Alex, minha querida — disse ele —, parece que há um passarinho bagunceiro aqui dentro, me distraindo do trabalho.

— Porque o senhor trabalha demais — disse a garota, beijando a bochecha enrugada do avô, e voltou a seu lugar à mesa para estudar Sócrates. Alguns instantes depois, sua atenção, já dispersa, se focou numa minhoca que se arrastava pela porta aberta da casa rústica com telhado de sapê. — Se tudo no universo serve ao propósito especial de Deus, por que o senhor acha que Ele criou as cobras? Elas são tão feias. Muito nojentas, na verdade.

Suspirando diante da interrupção, o Sr. Gimble baixou a pena, mas não resistiu ao sorriso radiante da neta.

— Farei questão de perguntar a Deus quando me encontrar com Ele.

Alexandra ficou séria só de pensar na morte do avô, mas o som de uma carruagem parando diante da casa fez com que ela se levantasse num pulo e corresse para a janela aberta.

— É o papai! — exclamou a garota, feliz. — Papai finalmente voltou de Londres!

— E já não era sem tempo — resmungou o Sr. Gimble, mas Alex não ouviu.

Vestida com sua calça e túnica favoritas, ela saiu correndo e se jogou nos braços relutantes do pai.

— Como vai, ciganinha? — cumprimentou ele sem muito interesse.

O Sr. Gimble se levantou e foi até a janela, observando com a testa franzida enquanto o londrino bem-apegoado ajudava a filha a subir em sua nova carruagem sofisticada. Carruagem sofisticada, roupas sofisticadas, mas

seu caráter deixava muito a desejar, pensou o velho com raiva, lembrando como Felicia ficara deslumbrada pela aparência e pela lábia do homem no instante em que ele aparecera na casa deles numa tarde, quando sua carruagem quebrara na estrada. O Sr. Gimble lhe oferecera abrigo para aquela noite e, ao entardecer, indo contra seus instintos, cedera aos pedidos da filha e permitira que ela acompanhasse o visitante numa caminhada, para mostrar “a linda vista da colina acima do riacho”.

Quando a escuridão caíra e os dois não voltaram, o Sr. Gimble fora procurá-los, sem qualquer dificuldade de enxergar o caminho devido à luz da lua cheia. Ele os encontrara ao pé da colina, ao lado do riacho, nus e entrelaçados. George Lawrence não levava nem quatro horas para seduzir Felicia e convencê-la a abandonar os preceitos de uma vida inteira.

O Sr. Gimble nunca sentira tamanha raiva na vida, mas, sem emitir qualquer som, fora embora. Duas horas depois, ao voltar para casa, estava acompanhado do seu bom amigo, o vigário da paróquia local. O homem trazia consigo o volume do qual lia a cerimônia de casamento.

E o pai da noiva carregava o rifle que usaria para garantir que o corruptor da filha participasse da cerimônia.

Fora a primeira vez na vida em que ele segurara uma arma.

E o que sua justificada fúria dera a Felicia? O semblante do Sr. Gimble enrijeceu diante da lembrança. George Lawrence comprara para a esposa uma casa grande e decadente, que estava abandonada havia uma década, a enchera de criados e passara os nove meses seguintes à cerimônia de casamento vivendo com relutância no pequeno condado remoto em que ela nascera. Ao fim desse período, Alexandra viera ao mundo, e George Lawrence retornara para Londres e lá ficara, voltando para Morsham apenas duas vezes por ano, por duas ou três semanas.

“Ele está ganhando a vida do jeito que sabe”, explicara Felicia ao pai, obviamente repetindo as justificativas do marido. “George é um cavalheiro, então não é justo esperar que trabalhe como homens comuns. Em Londres, o nome de sua família e seus contatos permitem que circule entre as pessoas certas, e isso faz com que receba dicas sobre bons investimentos e em quais

cavalos apostar nas corridas. É assim que ele nos sustenta. Naturalmente, ele gostaria que pudéssemos ir para Londres também, mas a cidade é tão cara, e não seria certo nos sujeitarmos aos alojamentos apertados e feios em que ele deve morar. George vem nos visitar sempre que pode.”

O Sr. Gimble duvidava da explicação de George Lawrence para preferir morar em Londres, mas tinha certeza do motivo pelo qual o genro aparecia em Morsham duas vezes por ano. Suas visitas ocorriam porque o velho prometera ir atrás dele em Londres — com seu rifle emprestado — caso não voltasse com essa frequência para ver a esposa e a filha. Mesmo assim, não havia motivo para magoar Felicia com a verdade, pois ela estava feliz. Ao contrário das outras mulheres do minúsculo condado, sua filha era casada com “um cavalheiro de verdade”, e, na opinião tola dela, isso já bastava. Era algo que lhe dava status, e ela circulava entre os vizinhos com um régio ar de superioridade.

Assim como a mãe, Alexandra idolatrava George Lawrence, e o homem se regozijava com a adoração inabalável que recebia durante as breves visitas. Felicia o paparicava, e Alex se esforçava para ser tanto filha quanto filho para ele — se preocupando com sua falta de beleza feminina ao mesmo tempo em que usava calças e treinava esgrima para lutar com o pai quando ele aparecesse.

Parado diante da janela, o Sr. Gimble encarou furiosamente o veículo reluzente puxado por quatro cavalos elegantes e cheios de pose. Para um homem que nunca tinha muito dinheiro para a esposa e a filha, George Lawrence se locomovia com uma carruagem e animais bem caros.

— Quanto tempo o senhor vai ficar desta vez, papai? — perguntou Alexandra, já temendo o momento inevitável de sua partida.

— Só uma semana. Vou para a casa dos Landsdowne, em Kent.

— Por que o senhor precisa passar tanto tempo fora? — quis saber a menina, incapaz de esconder sua decepção, apesar de ter certeza de que ele também detestava ficar longe.

— Porque sim — respondeu o pai, e, quando ela começou a reclamar, ele balançou a cabeça e colocou a mão no bolso, pegando uma caixinha. — Eu lhe

trouxe um presente de aniversário, Alex.

Alexandra o encarou com adoração e alegria, apesar de seu aniversário ter ocorrido meses atrás e o pai não ter mandado nem uma carta nesse intervalo de tempo. Seus olhos cor de água-marinha brilhavam enquanto ela abria a caixa e pegava um cordão com um pequeno pingente prateado em formato de coração. A peça, feita de latão, não era das mais bonitas, mas a garota a segurou como se fosse infinitamente preciosa.

— Vou usá-lo todos os dias da minha vida, papai — sussurrou ela antes de jogar os braços ao redor dele num abraço apertado. — Eu te amo tanto!

Enquanto eles atravessavam o pequeno vilarejo silencioso e os cavalos levantavam nuvens de poeira, Alexandra acenava para as pessoas que a viam, querendo mostrar a todos que seu belo e maravilhoso pai tinha voltado.

Ela não precisava se dar ao trabalho de chamar atenção para George Lawrence. Quando a noite caísse, todos os habitantes locais estariam discutindo não apenas seu retorno, mas também a cor de seu casaco e uma dezena de outros detalhes, pois o vilarejo de Morsham não mudara nada em centenas de anos — continuava sendo um lugar tranquilo, pacífico, esquecido no vale remoto. Seus habitantes eram pessoas simples, trabalhadoras e sem imaginação, que tinham um prazer imensurável em relatar qualquer acontecimento insignificante para aliviar a monotonia sem fim de sua existência. Eles ainda falavam do dia em que, três meses antes, uma carruagem passara com um sujeito da cidade grande que usava um casaco com não apenas uma capa por cima, mas *oito*. Agora, teriam o veículo e os animais maravilhosos do londrino para discutir pelos próximos seis meses.

Para um forasteiro, Morsham poderia parecer um lugar entediante e habitado por camponeses fofoqueiros, mas, para Alexandra, o vilarejo e seus moradores eram lindos.

Aos 13 anos, a garota confiava na bondade inerente de cada um dos filhos de Deus e acreditava que honestidade, integridade e bom humor eram comuns a toda a humanidade. Ela era gentil, alegre e uma irremediável otimista.

Capítulo 2

O Duque de Hawthorne baixou o braço devagar, ainda segurando a pistola fumegante, e observou com frieza o corpo encolhido de Lorde Grangerfield, imóvel no chão. Maridos ciumentos eram um grande estorvo, pensou Jordan — quase tão problemáticos quanto esposas vaidosas e fúteis. Não apenas eles viviam chegando a conclusões precipitadas, como também insistiam em tirar satisfação sobre tais ilusões ao amanhecer, usando pistolas. Com o olhar impassível ainda focado no oponente idoso e ferido, que já era atendido por um médico, o duque amaldiçoou a jovem dama bela e traiçoeira que o perseguira de forma implacável e acabara causando o duelo.

Aos 27 anos, fazia muito tempo que Jordan decidira que nenhuma gratificação sexual compensava as complicações causadas por se engrajar com a esposa de outros homens. Assim, ele fazia questão de restringir seus muitos encontros sexuais a mulheres desimpedidas. Deus era testemunha de que havia um monte delas por aí, em sua maioria dispostas a aquecer sua cama. No entanto, era normal que os membros da alta sociedade flertassem, e seu recente envolvimento com Elizabeth Grangerfield, uma amiga de infância, quase não passara disso — um flerte inofensivo que ganhara força quando ela voltara para a Inglaterra depois de uma longa viagem de mais de um ano. Tudo começara com alguns parques gracejos — com conotações sexuais, admitia ele — feitos entre dois conhecidos de longa data. E as coisas

teriam ficado por isso mesmo se, numa noite na semana anterior, Elizabeth não tivesse conseguido passar despercebida pelo seu mordomo e ido direto para a cama de Jordan. Ao chegar em casa, ele a encontrara — um espetáculo de abundância, nudez e sensualidade. Normalmente, Jordan teria expulsado a mulher de lá e a mandado para casa, mas, naquela noite, sua mente estava entorpecida pelo conhaque que tomara com os amigos, e, enquanto se perguntava o que fazer com ela, seu corpo prevalecera sobre sua mente letárgica e insistira que ele aceitasse aquele convite irresistível.

Virando na direção do seu cavalo, que estava preso a uma árvore próxima, Jordan ergueu o olhar para os fracos raios de sol que cortavam o céu. Ainda havia tempo para dormir algumas horas antes de começar o longo dia de trabalho e compromissos sociais que culminariam no baile dos Bildrup, no fim da noite.

CANDELABROS ADORNADOS COM centenas de milhares de cristais brilhavam acima do enorme salão espelhado, onde dançarinos vestidos de cetim, seda e veludo giravam ao ritmo de uma valsa melódica. As muitas portas duplas que davam para varandas estavam escancaradas, permitindo a entrada de brisas frescas — e a saída de casais desejosos por momentos de privacidade à luz da lua.

Pouco além das portas mais distantes, um casal ocupava a sacada, sua presença parcialmente escondida pelas sombras da própria mansão, sem parecer se preocupar com o furor que sua ausência do salão causava entre os convidados.

— É uma pouca-vergonha! — declarou a Srta. Leticia Bildrup para o grupo de rapazes e moças elegantes que formavam seu séquito pessoal. Lançando um olhar extremamente reprovador e cheio de inveja na direção das portas pelas quais o casal acabara de passar, ela acrescentou: — Elizabeth Grangerfield está se comportando como uma meretriz, correndo atrás de Hawthorne enquanto o marido está de cama, ferido por ter travado um duelo com este homem hoje cedo!

Sir Roderick Carstairs analisou a raivosa Srta. Bildrup com a cáustica expressão zombeteira pela qual era conhecido por todos da alta sociedade.

— Você tem razão, é claro, minha bela. Elizabeth devia seguir o seu exemplo e se oferecer para Hawthorne a sós, não em público.

Leticia o encarou com um silêncio arrogante, mas um rubor revelador foi tomando conta de suas bochechas macias, deixando-as cor-de-rosa.

— Tome cuidado, Roddy, você está perdendo a capacidade de discernir o que é engraçado do que é ofensivo.

— De forma alguma, minha querida, eu *me esforço* para ser ofensivo.

— Não ouse me comparar com Elizabeth Grangerfield — ralhou ela num sussurro furioso. — Não temos nada em comum.

— Ah, claro que têm. As duas querem Hawthorne. Um ponto em comum que compartilham com mais seis dúzias de mulheres cujos nomes me vêm à mente agora, incluindo Elise Grandeaux — ele indicou com a cabeça a bela bailarina ruiva que dançava com um príncipe russo no salão. — Porém, a Srta. Grandeaux parece ter vencido todas vocês, já que é a nova amante do duque.

— Que mentira! — declarou Leticia, seus olhos azuis cravados na graciosa ruiva que, pelo que diziam, tinha encantado o rei espanhol e um príncipe russo. — Hawthorne está solteiro!

— Sobre o que estamos falando, Letty? — perguntou uma das moças, interrompendo a conversa com seu pretendente.

— Estamos falando sobre o fato de *ele* estar na varanda com Elizabeth Grangerfield — respondeu Leticia, ríspida.

Não era necessário explicar a que “ele” a jovem se referia. Entre a alta sociedade, todos sabiam que “ele” era Jordan Addison Matthew Townsende — Marquês de Landsdowne, Visconde de Leeds, Visconde de Reynolds, Conde Townsende de Marlow, Barão Townsende de Stroleigh, Richfield e Monmart — e o décimo segundo Duque de Hawthorne.

“Ele” povoava os sonhos de todas as damas — alto, moreno e lindo de morrer, com um charme que só podia ser pecaminoso. Entre as mulheres mais jovens da alta sociedade, o consenso era que seus olhos acinzentados

semicerrados seriam capazes de seduzir uma freira ou fazer um inimigo bater em retirada. As mais velhas tendiam a acreditar na primeira hipótese mas descartar a segunda, já que todos sabiam que Jordan Townsende não usara os olhos para executar centenas de soldados franceses, mas sua habilidade mortal com pistolas e sabres. Porém, independentemente da idade, todas as damas da aristocracia concordavam num ponto: bastava olhar para o Duque de Hawthorne para saber que aquele era um homem de classe, elegância e estilo; um homem tão refinado quanto um diamante. E, com frequência, também tão duro quanto.

— Roddy disse que Elise Grandeaux é a nova amante dele — contou Letty, indicando com a cabeça a ruiva deslumbrante, que parecia indiferente ao sumiço do Duque de Hawthorne e de Lady Elizabeth Grangerfield.

— Que despautério — rebateu uma debutante de 17 anos defensora do decoro. — Se fosse o caso, ele com certeza não a traria aqui. Não teria coragem.

— Mas teve — anunciou outra moça, seu olhar grudado nas portas duplas por onde o Duque e Lady Grangerfield tinham acabado de passar, esperando ansiosamente por outro vislumbre do homem lendário. — Mamãe diz que Hawthorne faz o que quer e está pouco se importando com a opinião pública.

Naquele momento, o objeto dessa e de muitas conversas semelhantes pelo salão se apoiava confortavelmente na balaustrada de pedra da varanda, fitando os radiantes olhos azuis de Elizabeth com um ar de óbvia irritação.

— Sua reputação está sendo estraçalhada lá dentro, Elizabeth. Tenha um pouco de bom senso e passe algumas semanas no interior, cuidando do seu marido “acamado”, até as fofocas sobre o duelo perderem a força.

Numa tentativa débil de parecer despreocupada, Elizabeth deu de ombros.

— Fofocas não me afetam, Jordan. Sou uma condessa agora. — Seu tom se tornou amargurado, tenso. — Não importa que meu marido seja trinta anos mais velho que eu. Meus pais têm mais um título na família, e é isso que importa.

— Não adianta se arrepender do passado — disse ele, se esforçando para conter a impaciência. — O que foi feito não pode ser desfeito.

— Por que você não pediu minha mão antes de ir embora para aquela guerra idiota na Espanha? — perguntou a dama numa voz abafada.

— Porque eu não queria me casar com você — respondeu ele, inclemente.

Cinco anos antes, Jordan cogitara pedir a mão de Elizabeth num futuro distante e obscuro, mas não queria uma esposa na época, da mesma forma que não queria agora, e nada ficara acertado entre os dois antes de sua partida para a Espanha. Um ano depois, o pai dela, desejoso de acrescentar mais um título aristocrático à árvore genealógica, insistira que a filha se casasse com Grangerfield. Quando Jordan recebera a carta em que a moça contava seu destino, não sentira tristeza. Por outro lado, ele a conhecia desde a adolescência e nutria algum sentimento por ela. Talvez, se estivesse por perto na época, pudesse tê-la convencido a desafiar os pais e recusar o pedido do velho conde. Talvez não. Como todas as mulheres de sua classe social, Elizabeth aprendera desde a infância que seu dever como filha era se casar de acordo com os desejos dos pais.

De toda forma, Jordan estava longe. Dois anos após a morte do pai, apesar de ainda não ter produzido um herdeiro para assegurar a sucessão, ele comprara uma patente no exército e fora lutar contra as tropas de Napoleão na Espanha. No começo, sua ousadia e coragem diante do inimigo eram apenas resultado de um descontentamento imprudente com a própria vida. Mais tarde, conforme amadurecera, as habilidades e o conhecimento que adquiria em inúmeras batalhas sangrentas o mantinham vivo e alimentavam sua reputação como um estrategista perspicaz e um oponente invencível.

Quatro anos depois de partir para a Espanha, Jordan pedira baixa e voltara para a Inglaterra para reassumir os deveres e as responsabilidades de duque.

O Jordan Townsende que retornara um ano antes era muito diferente do jovem que partira. Da primeira vez em que ele entrara num salão de baile depois de sua volta, muitas dessas mudanças eram nítidas: em contraste com os rostos pálidos e a languidez entediada dos outros cavalheiros de seu nível social, a pele do duque estava muito bronzeada, seu corpo alto se tornara firme e musculoso, seus movimentos eram rápidos e assertivos; e, apesar de o famoso charme de Hawthorne permanecer evidente em seus ocasionais

sorrisos brancos e indolentes, sua presença emanava a aura de alguém que enfrentara situações perigosas — e gostara. Era algo que as mulheres achavam extremamente instigante e que aumentava ainda mais seu fascínio.

— Você foi *capaz* de esquecer o que sentíamos um pelo outro? — Elizabeth ergueu a cabeça e, antes que Jordan tivesse qualquer reação, ficou na ponta dos pés e o beijou, pressionando o corpo familiar contra o seu, desejosa e complacente.

Ele a segurou pelos braços com força e a afastou.

— Não seja tola! — ralhou o duque, seus dedos compridos se enterrando na pele dela. — Éramos amigos, nada além disso. O que aconteceu na semana passada foi um erro. Acabou.

Elizabeth tentou se esfregar em seu corpo.

— Posso lhe convencer a me amar, Jordan. Sei que posso. Você quase me amou alguns anos atrás. E me quis na semana passada...

— Eu quis seu inebriante corpo, meu doce — zombou com uma crueldade proposital —, nada mais. Isso é tudo que sempre quis de você. Não vou matar seu marido num duelo por sua causa, então pode desistir desse plano. É melhor encontrar outro tolo para comprar sua liberdade com um tiro de pistola.

A dama empalideceu, piscando para afastar as lágrimas, mas não negou que desejava a morte do marido.

— Não quero minha liberdade, Jordan, eu quero *você* — disse ela numa voz embargada. — Talvez tenha me considerado apenas uma amiga, mas eu o amo desde que tínhamos 15 anos.

A confissão foi feita num tom pesaroso tão envergonhado e desesperançado que qualquer um além de Jordan Townsende perceberia que era verdadeira e talvez se compadecesse. Mas, quando se tratava de mulheres, fazia tempo que o duque se tornara um cético inveterado. Ele respondeu à triste declaração de amor entregando um lenço branco como a neve para a dama.

— Seque os olhos.

As centenas de convidados, que discretamente observaram o retorno dos

dois ao salão alguns minutos depois, notaram que Lady Grangerfield parecia nervosa e deixou o baile na mesma hora.

No entanto, o Duque de Hawthorne se comportava com a mesma tranquilidade de sempre ao se aproximar da bela bailarina que era a mais nova adição à sua longa lista de amantes. E, quando o casal foi para a pista de dança alguns instantes depois, uma aura vibrante, um magnetismo poderoso emanava da dupla atraente e carismática. A graciosidade ágil e frágil de Elise Grandeaux complementava a elegância audaciosa do duque; o tom vívido do cabelo dela com o tom escuro do dele; e, quando os dois se moviam juntos na dança, eram duas criaturas esplêndidas que pareciam ter sido feitas uma para a outra.

— Mas não é de surpreender — comentou a Srta. Bildrup para seus amigos enquanto o grupo analisava o casal com fascínio. — Hawthorne sempre faz a mulher com quem está parecer sua *companheira* perfeita.

— Ora, ele não vai se casar com uma mera artista, não importa se formam um casal bonito — disse a Srta. Morrison. — E meu irmão prometeu que o levaria à nossa casa para uma visita esta semana — acrescentou ela num tom triunfante.

Sua alegria foi destruída pela Srta. Bildrup.

— Mamãe diz que ele pretende partir para Rosemeade amanhã.

— Rosemeade? — repetiu a outra moça em descrença, murchando.

— A casa da avó dele — esclareceu a Srta. Bildrup. — Fica ao norte, pouco depois de um tal vilarejo minúsculo chamado Morsham.

Capítulo 3

— É impossível imaginar uma coisa dessas, Filbert! — anunciou Alexandra para o velho lacaio que entrara no quarto carregando um montinho de lenha.

Com a vista míope, Filbert apertou os olhos para sua patroa de 17 anos, que estava deitada de barriga para baixo na cama, apoiando o pequeno queixo nas mãos, com o corpo coberto por seu traje de sempre: calça marrom apertada e camisa desbotada.

— É incompreensível — insistiu Alexandra numa voz cheia de desdém.

— O quê, Srta. Alex? — perguntou ele, se aproximando da cama.

Havia algo grande e branco diante da patroa, sobre a coberta da cama, e o lacaio míope deduziu que fosse uma toalha ou um jornal. Apertando os olhos, ele encarou o objeto e, então, percebeu a presença de manchas pretas, levando-o a concluir que era um periódico.

— Diz aqui que Lady Weatherford-Heath ofereceu um baile para 800 pessoas, seguido de um jantar que consistiu em não menos que 45 pratos diferentes! — informou a moça, batendo com o dedo indicador no jornal datado de 2 de abril de 1813. — Foram 45 pratos! Conseguir conceber uma extravagância dessas? Além do mais — continuou Alex, afastando distraidamente os cachos escuros da nuca enquanto fitava o jornal ofensivo —, o artigo dá todos os detalhes sobre os convidados e as roupas que usaram.

Escute só, Sarah — disse ela, erguendo o olhar e sorrindo quando Sarah Withers entrou no quarto com uma pilha de lençóis recém-lavados.

Antes da morte do pai de Alexandra, três anos atrás, Sarah era a governanta da casa, mas, como resultado das precárias condições financeiras causadas pelo falecimento, a mulher fora dispensada junto com os outros criados — com a exceção de Filbert e Penrose, que eram doentes e idosos demais para encontrar um emprego. Agora, Sarah voltava apenas uma vez por mês, junto com uma garota do vilarejo, para ajudar com a limpeza mais pesada e lavar roupa.

Em uma voz aguda caricata, Alexandra leu para a mulher:

— A Srta. Emily Welford foi acompanhada pelo Conde de Marcham. Seu vestido de seda em tom de creme era adornado com pérolas e diamantes. — Rindo, ela fechou o jornal e olhou para Sarah. — Dá para acreditar que as pessoas querem saber dessas baboseiras? Que diferença faz o vestido que alguém usou ou o fato de que o Conde de Delton voltou de sua estadia na Escócia e que “há boatos de que ele demonstrou um interesse exacerbado em certa moça de grande beleza e importância”?

Sarah Withers ergueu as sobrancelhas e lançou um olhar crítico para as roupas de Alex.

— *Algumas* moças gostam de se *arrumar* — respondeu a mulher.

Alexandra aceitou a provocação bem-intencionada com uma indiferença alegre e filosófica.

— Seria necessário mais do que pó de arroz e cetim cor-de-rosa para me transformar numa dama sofisticada.

A antiga esperança de Alex de sair do “casulo” como uma loura de beleza clássica não tinha se concretizado. Em vez disso, seu cabelo curto encaracolado era castanho-escuro, seu queixo continuava pequeno e empinado, o nariz permanecia arrebitado e seu corpo era tão esguio e ágil quanto o de um rapaz. Na verdade, seu único traço realmente notável era o par de enormes olhos azuis com cílios escuros que dominava completamente seu rosto — um rosto que, agora, estava levemente bronzeado pelo trabalho e

pelas cavalgadas sob o sol. No entanto, Alex não se preocupava mais com a aparência; havia questões mais importantes a ocupar sua mente.

Três anos atrás, depois que a morte do avô fora seguida quase imediatamente pelo falecimento do pai, a moça acabara se tornando o “homem da casa” de certa forma. Sobre seus ombros jovens caíra o dever de cuidar de dois criados idosos, administrar o orçamento escasso da família, colocar comida na mesa e lidar com os ataques de pirraça da mãe.

Uma garota comum, criada de forma comum, jamais conseguiria enfrentar o desafio. Mas não havia nada comum na aparência *nem* na astúcia de Alexandra. Quando menina, ela aprendera a pescar e atirar por esporte, para agradar ao pai em suas visitas. Agora, com uma determinação tranquila, ela simplesmente usava as mesmas habilidades para alimentar a família.

O barulho de madeira sendo despejada na caixa de lenha fez com que quaisquer pensamentos sobre vestidos de baile adornados com diamantes desaparecessem de sua mente. Tremendo por causa do frio que infiltrava as grossas paredes da casa, tornando-a úmida e gelada até no verão, a moça abraçou o próprio corpo.

— Não desperdice madeira, Filbert — disse ela enquanto o lacaio se abaixava para adicionar um pequeno pedaço de lenha ao fogo, que já morria. — Não está tão frio aqui — mentiu —, só fresco. Uma temperatura muito amena. Além do mais, já vou sair para o aniversário do irmão de Mary Ellen, e não há motivo para gastar boa madeira.

Filbert a fitou e concordou com a cabeça, mas a lenha escorregou de sua mão e rolou pelo piso gasto. O lacaio se empertigou e olhou ao redor, tentando distinguir a lenha marrom do mar de tábuas de madeira ao redor. Ciente de sua vista fraca, Alexandra disse com gentileza:

— Está ao pé da minha mesa. — E, então, observou com pena enquanto o lacaio velho seguia até lá e agachava, Tateando em busca da lenha. — Sarah? — chamou ela de repente, enquanto seu peito era tomado por aquele sentimento estranho de expectativa que sentia ocasionalmente nos últimos três anos. — Você já sentiu como se algo especial estivesse prestes a acontecer?

A mulher fechou as gavetas da cômoda e seguiu para o armário.

— Já.

— E alguma coisa aconteceu?

— Sim.

— É mesmo? — perguntou Alexandra, seus olhos de água-marinha brilhando, curiosos. — O quê?

— A chaminé desabou, do jeito que eu tinha avisado ao seu pai que aconteceria se ele não chamasse alguém para consertá-la.

Uma risada musical escapou da boca de Alexandra, e ela balançou a cabeça.

— Não, não, não estou falando desse tipo de coisa. — Um pouco envergonhada, a moça confidenciou: — De vez em quando, desde a morte do vovô, tenho uma sensação, mas ela está mais frequente e mais forte esta semana. É como se eu estivesse à beira de um precipício esperando por algo que está prestes a acontecer.

Chocada pela voz sonhadora e pela letargia prolongada de Alexandra, que geralmente era tão prática e cheia de energia, Sarah a analisou.

— O que você acha que vai acontecer?

Alexandra sentiu um arrepio de antecipação.

— Algo maravilhoso.

Ela ia dizer mais, porém seus pensamentos foram afastados por um berro feminino vindo do quarto de tio Monty, do outro lado do corredor, seguido pelo som da porta batendo e de passos apressados. Alexandra virou de barriga para cima e pulou para fora da cama num movimento gracioso e enérgico que lhe era bem mais natural do que seu estado anterior de quietude sonhadora, ao mesmo tempo em que Mary, a garota que Sarah trazia para ajudar com as tarefas, irrompeu no quarto, irritada.

— Ele me deu um tapa, ora! — exclamou Mary, esfregando o traseiro amplo. Erguendo o braço, ela apontou um dedo acusatório para o quarto de tio Monty. — Não tenho que aturar isso daquele miserável nem de ninguém! Sou uma boa menina, eu sou, e...

— Então se comporte como uma boa menina e olhe essa língua! — ralhou Sarah.

Alexandra suspirou ao voltar a sentir nos ombros o peso da responsabilidade pela casa, esquecendo suas reflexões sobre jantares de 45 pratos.

— Vou conversar com tio Monty — disse ela a Mary. — Tenho certeza de que isso não vai se repetir. — E, então, com um sorriso sincero, acrescentou: — Bem, tenho certeza de que não vai se repetir se você não se abaixar perto demais dele. Sir Montague é um... bem... um *admirador* da anatomia feminina e, quando uma mulher tem um traseiro especialmente amplo, ele gosta de mostrar sua apreciação com um tapa. Como um cavaleiro que bate no flanco de um belo cavalo puro-sangue.

O discurso serviu para lisonjear e acalmar a garota, já que, apesar do comportamento grosseiro de Montague Marsh, ele ainda fazia parte da ordem de cavalaria real.

Depois que todos se retiraram, Sarah olhou com tristeza para o quarto e para o jornal abandonado sobre a cama.

— Algo maravilhoso — zombou ela, pensando com um desânimo amargurado sobre a garota de 17 anos que tentava, sem reclamar, carregar o peso daquele lar bizarro cuja criadagem incluía um velho mordomo corcunda orgulhoso demais para admitir que estava ficando surdo, e um laçao quase cego.

A família de Alexandra era tão problemática quanto os criados, pensou Sarah com repulsa. O tio-avô, Montague Marsh, apesar de simpático, quase nunca estava sóbrio, ao mesmo tempo em que jamais enchia a cara a ponto de perder a oportunidade de dar uma atenção especial a qualquer rabo de saia. A Sra. Lawrence, mãe de Alexandra, que devia ter tomado as rédeas da situação depois da morte do Sr. Lawrence, passara todas as responsabilidades da casa para a filha e era o maior problema da moça.

— Tio Monty — disse Alexandra num tom de voz levemente aborrecido para o tio do pai que fora morar lá dois anos antes, quando nenhum parente próximo quisera abrigá-lo.

O cavaleiro robusto estava sentado diante do fogo fraco da lareira com uma expressão pesarosa no rosto, sua perna gotosa apoiada em cima de um

banquinho.

— Imagino que tenha vindo me dar uma bronca por causa da garota — murmurou ele, encarando-a com olhos emburrados e vermelhos.

Ele se parecia tanto com uma criança velha e humilhada que Alexandra não conseguiu manter a postura rígida que deveria.

— Sim — admitiu ela com um discreto sorriso relutante —, e também para descobrir onde o senhor escondeu a garrafa de vinho Madeira que seu amigo, o Sr. Watterly, trouxe ontem.

Tio Monty reagiu com uma péssima imitação de indignação injustificada.

— E posso perguntar quem foi que ousou presumir que havia algo assim neste recinto?

Ele ficou observando de soslaio enquanto Alexandra o ignorava e começava uma busca metódica e eficiente pelos esconderijos favoritos do tio-avô — atrás da almofada no canapé, embaixo do colchão, dentro da chaminé. Depois de revirar mais meia dúzia de lugares, ela seguiu para a poltrona que ele ocupava e ergueu a mão, bem-humorada.

— Passe para cá, tio Monty.

— O quê? — respondeu ele, se fazendo de desentendido e se ajeitando no assento enquanto a garrafa cutucava a lateral de seu traseiro gordo.

Alexandra percebeu seu desconforto e riu.

— A garrafa de vinho Madeira embaixo do senhor.

— Você está falando do meu *remédio* — corrigiu ele. — O Dr. Beetle me disse que devo tomá-lo por causa de seus efeitos regenerativos sempre que meus velhos ferimentos de guerra começam a doer.

Alexandra analisou os olhos vermelhos e as bochechas coradas do homem, avaliando o nível de sua embriaguez com uma destreza desenvolvida nos dois anos que passara cuidando do tio impulsivo e irresponsável, porém amável. Esticando ainda mais a mão, ela insistiu:

— Pode passar para cá, tio. Mamãe convidou o senhor das terras e sua esposa para jantar, e ela quer a sua presença também. E, para isso, a sobriedade é...

— Vou precisar estar *caindo de bêbado* para aguentar aquele casal esnobe.

Alex, meu anjo, sinto calafrios só de pensar naquela gente. A piedade é para os santos, e santos não são boa companhia para homens de carne e osso.

Quando Alexandra permaneceu com a mão estendida, o velho suspirou, resignado, ergueu um lado do quadril e pegou a garrafa com o conteúdo pela metade.

— Muito bem — disse a sobrinha-neta, dando-lhe um tapinha amigável no ombro. — Se o senhor ainda estiver acordado quando eu voltar, podemos jogar cartas e...

— Quando você voltar? — repetiu Sir Montague, alarmado. — Você não está dizendo que vai me deixar sozinho com sua mãe e seus convidados insuportáveis!

— Vou, sim — respondeu Alexandra, alegre, já saindo do quarto.

Ela jogou um beijo para ele e fechou a porta, ignorando os resmungos do tio-avô sobre “morrer de tédio” e “estar fadado à tristeza eterna”.

A moça passava pelo quarto da mãe quando Felicia gritou numa voz fraca mas imperiosa:

— Alexandra! Alexandra, é você?

O tom irritado na voz lastimosa fez Alex parar e se preparar psicologicamente para o que com certeza seria outra conversa desagradável sobre Will Helmsley. Aprumando os ombros magros, ela entrou no quarto. A Sra. Lawrence estava sentada diante da penteadeira, com um velho robe remendado, franzindo a testa para seu reflexo no espelho. Os três anos desde a morte do marido adicionaram décadas àquele rosto que um dia fora belo, pensou Alex com tristeza. O brilho vivaz que iluminava os olhos da mãe e infundia sua voz tinha desaparecido junto com o castanho sedoso de seu cabelo. Agora, os fios exibiam um tom opaco com mechas grisalhas. Não fora apenas o sofrimento que sugara sua beleza, Alex sabia disso. A raiva também fizera sua parte.

Três semanas depois da morte de George Lawrence, uma esplêndida carruagem parara diante da casa. Nela, estava a “outra família” do amado pai de Alex — a esposa e a filha com quem ele morava em Londres havia mais de 12 anos. Sua família legítima ficara escondida em Morsham, vivendo em

condições que beiravam a pobreza, enquanto a ilegítima vivia na capital, cheia de mordomias. Alex ainda se retraía de dor quando se lembrava daquele dia terrível em que inesperadamente conhecera a meia-irmã. Seu nome era Rose, e ela era tão bonita. Mas isso não fora tão doloroso quanto o belo cordão de ouro que Rose usava no pescoço branco e esbelto. George Lawrence também lhe dera um pingente de coração. Só que o de Alex era feito de latão.

O pingente de latão e o fato de que escolhera viver com aquela linda garotinha loura deixaram bem claro o que ele sentia pela filha mais velha e sua mãe.

George Lawrence só tratara as duas famílias da mesma forma num ponto: a herança. O homem morrera sem um centavo, deixando ambas igualmente pobres.

Pelo bem da mãe, Alex escondera a dor dessa traição no fundo do coração e tentara se comportar normalmente, mas a tristeza de Felicia se transformara em raiva. A Sra. Lawrence se enfurnara no quarto para alimentar sua fúria, deixando tudo mais por conta da filha. Por dois anos e meio, a mulher não se interessara por nada na casa nem pela mágoa de Alexandra. Quando falava, era apenas para discursar sobre a injustiça de seu destino e a traição do marido.

Porém, seis meses atrás, a Sra. Lawrence percebera que sua situação talvez não fosse tão desesperadora quanto imaginava. Ela planejava uma forma de escapar do seu infortúnio — e essa forma era por meio de Alexandra. A filha arrumaria um marido que tiraria as duas da pobreza. Para isso, a Sra. Lawrence analisara todas as famílias da região. Apenas uma, os Helmsley, possuía dinheiro suficiente para o seu gosto, então ela se concentrara no filho do casal, Will — apesar do fato de o rapaz ser tedioso e tímido, além de muito submisso aos pais, que eram quase puritanos em seu fervor religioso.

— Convidei o senhor das terras e sua esposa para jantar — disse a Sra. Lawrence para Alex através do espelho. — E Penrose prometeu que vai preparar uma refeição excelente.

— Penrose é mordomo, mamãe, não podemos pedir que cozinhe para as visitas.

— Estou ciente do cargo original de Penrose nesta casa, Alexandra. Mas ele cozinha muito melhor que você e Filbert, então teremos que nos contentar com suas habilidades hoje. E com peixe, é claro — disse ela, estremecendo de leve. — É uma pena termos que comer tanto peixe. Nunca foi meu prato favorito.

Alexandra, que pescava e caçava qualquer animal que encontrasse para alimentá-las, corou, como se estivesse fracassando em seu dever como chefe daquela casa estranha.

— Desculpe, mamãe, mas não tenho encontrado muitos animais para caçar. Amanhã, vou tentar me afastar mais da cidade e ver se consigo algo melhor. Mas agora estou saindo, e só volto mais tarde.

— Mais tarde? — arfou a mãe. — Mas você vai jantar conosco hoje, e precisa, precisa, *precisa* se comportar como uma dama. Você sabe como o senhor das terras e a esposa fazem questão de modéstia e decoro nas mulheres, apesar de doer na minha alma o fato de *aquele homem* ter nos deixado em condições tão terríveis que temos que nos rebaixar a agradar um mero escudeiro.

Alexandra não precisava perguntar quem era “aquele homem”. A mãe sempre se referia ao falecido marido como “aquele homem” ou “seu pai” — como se a filha fosse culpada por ter escolhido George Lawrence, e ela fosse apenas uma vítima da situação.

— Então a senhora não devia tentar agradá-lo — disse a moça com uma firmeza gentil, porém inabalável —, porque eu não me casaria com Will Helmsley nem se estivesse morrendo de fome, o que não vai acontecer.

— Ah, mas vai casar, sim — disse a Sra. Lawrence numa voz baixa e irritada, causada por um misto de desespero e medo. — E vai se comportar como a dama de boa família que você é. Vamos parar com essa história de perambular pelo mato. Os Helmsley não vão tolerar nem uma migalha de escândalo associado à sua futura nora.

— Eu não vou ser nada deles! — exclamou Alexandra, trêmula, mas se esforçando para manter a compostura. — Detesto Will Helmsley, e, para sua informação — concluiu ela, tão irritada que se esqueceu da relação frágil que

a mãe tinha com a sanidade —, Mary Ellen diz que ele prefere meninos a meninas!

O horror dessa declaração, que a própria Alex mal entendia, não abalou em nada a cabeça grisalha da Sra. Lawrence.

— Ora, é claro. A maioria dos rapazes prefere a companhia de outros rapazes. Mas — continuou ela, se levantando e começando a andar de um lado para o outro com a inquietude de alguém que passou muito tempo sendo inválido — talvez seja por isso que ele não tenha demonstrado muita relutância sobre a ideia de se casar com você, Alexandra. — O olhar da mãe se fixou no corpo magro da moça, coberto pela calça marrom justa e esfarrapada, a camisa branca de mangas compridas aberta no pescoço e as botas marrons que aparentemente tinham sido engraxadas. Alexandra mais parecia um menino de boa família que agora estava com dificuldades financeiras, forçado a usar roupas que não cabiam mais. — Você precisa começar a usar vestidos, apesar de Will não reclamar das calças.

Esforçando-se para controlar a irritação, Alex disse, paciente:

— Mamãe, todos os meus vestidos batem acima do meu joelho.

— Eu já disse para você ajustar um dos meus.

— Mas não sei costurar direito, e...

A Sra. Lawrence parou de andar pelo quarto e lançou um olhar zangado para a filha.

— Acho que você está inventando todas as desculpas possíveis para impedir esse noivado, mas pretendo acabar com esta vida fajuta que vivemos, e o filho dos Helmsley é nossa única esperança. — Ela franziu a testa, exibindo uma expressão soturna para a menina-mulher teimosa parada à porta, e uma sombra de arrependimento amargurado passou por seu rosto pálido. — Sei que nunca fomos muito próximas, Alexandra, mas *aquele homem* é o responsável por você ter se tornado a moleca selvagem e incontrolável que é hoje, vagabundeando pela floresta, usando calças, atirando com aquele rifle, fazendo um monte de coisas que não deveria.

Sem conseguir manter a vergonha e a irritação ocultas em sua voz, Alexandra respondeu, ríspida:

— Se eu fosse a criatura recatada, monótona e indefesa que a senhora parece preferir, esta família teria morrido de fome há muito tempo.

A Sra. Lawrence teve o bom senso de parecer levemente constrangida.

— Isso é verdade, mas não podemos continuar como estamos. Apesar dos seus esforços, temos dívidas com todos. Sei que não fui a melhor das mães nestes últimos três anos, mas, finalmente, caí em mim e preciso tomar as medidas necessárias para que você tenha um bom casamento.

— Mas eu não amo Will Helmsley — explodiu Alexandra, desesperada.

— E é melhor desse jeito — disse a mãe com rispidez. — Assim, ele não vai poder magoar você como seu pai me magoou. Will vem de uma família sólida, bem-estabelecida. Ele nunca vai ter uma esposa secreta em Londres e perder todo seu dinheiro no jogo. — Alexandra encolheu-se diante da lembrança cruel da traição do pai, mas a Sra. Lawrence continuou: — Na verdade, temos muita sorte de o escudeiro ser tão ambicioso. Caso contrário, ousou dizer que ele não a aceitaria como nora.

— E qual é a vantagem de *me* ter como nora?

A Sra. Lawrence parecia chocada.

— Ora, somos parentes de um conde, Alexandra, e de um cavaleiro da ordem real — disse ela, como se isso respondesse a tudo.

Quando a mãe ficou pensando em silêncio, Alex deu de ombros e avisou:

— Vou para a casa de Mary Ellen. Hoje é aniversário do irmão dela.

— Talvez seja melhor mesmo você não estar presente no jantar — disse a Sra. Lawrence, pegando uma escova e passando-a pelo cabelo, distraída. — Acho que os Helmsley querem conversar sobre o casamento hoje, e seria melhor que não a vissem fazendo cara feia e parecendo rebelde.

— Mamãe — disse Alexandra com uma mistura de pena e medo —, eu prefiro morrer de fome a me casar com Will.

A expressão no rosto da Sra. Lawrence deixou bem claro que ela, por sua vez, não achava que morrer de fome fosse melhor do que casar a filha.

— É melhor deixar os adultos resolverem essas questões. Pode ir à casa de Mary Ellen, mas use um vestido.

— Não posso. Vamos comemorar o aniversário de John com um torneio

de justas, como antigamente. Sabe, é uma tradição dos O'Toole.

— Você está velha demais para ficar se exibindo por aí naquela armadura enferrujada, Alexandra. Deixe-a no hall de entrada, onde é o lugar dela.

— Não vou estragá-la — assegurou Alex. — Só vou levar o escudo, o elmo, a lança e o peitoral.

— Ah, faça como quiser — disse a mãe, dando de ombros num gesto cansado.

Capítulo 4

Montada no velho Trovão, um cavalo castrado com lordose e de péssimo temperamento, que era mais velho que ela e pertencera ao avô, Alexandra seguia pela estrada esburacada em direção ao casebre em constante crescimento dos O'Toole, com o rifle numa bainha ao seu lado, analisando as beiras da estrada em busca de algum animal pequeno para abater no caminho até a casa da amiga. Não que houvesse muita chance de surpreender qualquer animal naquela tarde, já que a lança comprida sob seu braço batia no peitoral que usava e o escudo que carregava, fazendo barulho.

Apesar do confronto infeliz com a mãe, Alex se sentia cada vez mais animada, impulsionada pelo glorioso dia de primavera e pela expectativa instigante que tentara descrever para Sarah.

No vale à esquerda e na floresta à direita, flores tinham desabrochado, enchendo seus olhos e seu nariz com um arco-íris de cores e aromas. Havia uma estalagem nos limites do vilarejo, e Alexandra, que conhecia todos que viviam no raio dos 12 quilômetros que formavam seu mundo, empurrou o visor do elmo para cima e acenou alegremente para o Sr. Tilson, o proprietário.

— Bom dia, Sr. Tilson — disse ela.

— Bom dia, Srta. Alex — gritou o homem.

Mary Ellen O'Toole e os seis irmãos estavam do lado de fora do casebre de formato irregular da família, já brincando de cavaleiros de outrora no quintal.

— Venha, Alexandra — gritou Tom, de 14 anos, em cima do cavalo idoso do pai. — Está na hora da justa.

— Não, vamos fazer um duelo antes — insistiu o irmão de 13 anos, agitando uma velha espada. — Desta vez vou vencer, Alex. Estou treinando bastante.

Rindo, Alexandra desmontou desajeitada do cavalo e abraçou Mary Ellen. Então, as duas moças partiram para os jogos, que eram um ritual que ocorria em todos os aniversários dos sete irmãos da família O'Toole.

A tarde e o anoitecer passaram com animadas brincadeiras, uma rivalidade amigável e a risada festiva de uma família grande reunida — algo que Alexandra, filha única, sempre quisera ter.

Quando ela finalmente seguiu para casa, estava alegremente exausta, quase gemendo pela quantidade de comida deliciosa que comera por insistência da generosa Sra. O'Toole.

Embalada pelo constante bater dos cascos do velho Trovão contra a estrada poeirenta, Alexandra deixou o corpo seguir o ritmo do movimento suave do cavalo, suas pálpebras pesadas fechando de cansaço. Sem nenhuma outra maneira de trazer a armadura de volta para casa, Alexandra a vestira, mas, agora, se sentia abafada dentro dela, ficando ainda mais sonolenta.

Ao passar pela estalagem e fazer o velho Trovão entrar na trilha larga que atravessava a floresta e voltava para a estrada principal a um quilômetro e meio dali, a moça notou que vários cavalos estavam amarrados no pátio e a luminária na janela permanecia acesa. Vozes masculinas, cantando alto uma música, podiam ser ouvidas. Acima de sua cabeça, os galhos de carvalho se encontravam, balançando na noite de primavera, produzindo sombras assustadoras no caminho enquanto bloqueavam a luz da lua.

Já era tarde, Alexandra sabia, mas ela não tentou fazer o cavalo acelerar o passo. Em primeiro lugar, Trovão tinha mais de 20 anos, e, em segundo, ela queria garantir que só chegaria em casa depois que o escudeiro e a Sra. Helmsley tivessem ido embora.

De repente, o visor do elmo escorregou e cobriu seu rosto de novo, fazendo estardalhaço, e Alexandra suspirou com irritação, desejando poder tirar a peça incômoda e carregá-la. Decidindo que Trovão não teria nem energia nem vontade de tentar sair correndo, ainda mais depois do seu dia exaustivo nas “justas”, ela o fez parar, soltou as rédeas e transferiu o escudo pesado para a mão esquerda. Com a intenção de tirar o elmo e levá-lo apoiado no braço direito, Alexandra ergueu a mão para removê-lo, mas parou, sua atenção subitamente voltada para os sons abafados e não identificáveis que vinham do perímetro da floresta, cerca de quatrocentos metros adiante, à beira da estrada.

Franzindo um pouco a testa, ponderando se estaria prestes a encontrar um javali ou algum animal menos ameaçador — e, talvez, comestível —, Alexandra tirou o rifle da bainha com o máximo de silêncio permitido pela armadura.

De repente, a serenidade da noite foi interrompida pela explosão de um tiro e, depois, outro.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, o velho Trovão saiu em disparada pela floresta, confuso e de olhos arregalados — galopando cego na direção do barulho, com as rédeas batendo no chão ao lado de seus cascos apressados e as pernas de Alexandra fincadas às suas laterais.

A cabeça do ladrão se ergueu na direção dos sons metálicos que vinham da floresta, e Jordan Townsende afastou o olhar do buraco mortal na extremidade da pistola apontada pelo segundo ladrão para seu peito. O que avistou fez com que duvidasse dos próprios olhos. Saindo em disparada da floresta para seu resgate, sobre um pangaré com lordose, estava um cavaleiro de armadura, com o visor baixado, escudo em punho numa das mãos e um rifle na outra.

Alexandra conteve um grito enquanto saía aos trancos e barrancos da floresta e se deparava com uma cena mais sinistra do que seus piores pesadelos: um cocheiro estava caído no chão, ferido, e dois bandidos com os rostos cobertos por lenços vermelhos apontavam as armas para um homem

alto. O segundo bandido se virou na direção do barulho que a armadura fazia — e apontou a pistola para ela.

Não havia tempo para pensar, só para reagir. Firmando o rifle na mão e inconscientemente contando com a proteção do escudo e do peitoral contra a inevitável bala, Alexandra se inclinou para a direita, pretendendo se jogar sobre o homem e derrubá-lo no chão, mas foi surpreendida pela explosão da arma dele.

Num frenesi de horror, Trovão tropeçou e perdeu o equilíbrio, lançando a dona pelos ares. Ela aterrissou sobre o segundo bandido como uma pilha de metal enferrujado. O impacto a deixou desorientada, quase removendo seu elmo e fazendo o rifle escorregar para longe.

Infelizmente, o bandido se recuperou antes de a cabeça de Alexandra parar de girar.

— Mas que diabos... — resmungou o sujeito, e, com um forte empurrão, tirou o corpo mole dela de cima do seu, lhe dando um chute cruel na lateral antes de ir ajudar o cúmplice, que agora lutava pela posse da arma com a vítima.

Num borrão de pânico e dor, Alexandra viu os ladrões atacarem o homem alto e, em um impulso nascido de puro terror, se forçou a levantar — se arrastando, rastejando e retinindo na direção do vulto reluzente que era seu rifle, jogado na estrada esburacada. Assim que sua mão se fechou ao redor da arma, ela viu o homem alto pegar a pistola do bandido magro e lhe dar um tiro, depois se agachar e virar, mirando no outro.

Hipnotizada pela graciosidade fatal daqueles movimentos rápidos, Alexandra o observou apontar a arma com frieza e calma para o segundo assaltante. Ainda caída de barriga para baixo, ela fechou os olhos, esperando pela explosão inevitável. Mas só ouviu o clique alto da pistola vazia.

— Seu idiota desgraçado — disse o bandido com uma risada maldosa, lentamente enfiando a mão por dentro da camisa e puxando outra arma. — Achou mesmo que eu deixaria você pegar a pistola do chão se não tivesse certeza absoluta de que estava descarregada? Você vai morrer bem devagar

por ter matado meu irmão. Sabe quanto tempo um homem leva para morrer quando leva um tiro na barriga?

Tonta de medo, Alexandra virou de lado, ajeitou o rifle e mirou. Quando o bandido ergueu a pistola, ela atirou. O coice da arma fez com que ela caísse de costas, tirando todo o ar do peito. Quando virou a cabeça na terra e abriu os olhos, viu o ladrão caído numa faixa de luar, sem a lateral da cabeça.

Ela não o ferira, como era seu plano, mas o *matara*. Um gemido de terror e angústia subiu por sua garganta e escapuliu do peito apertado, então o mundo começou a girar, devagar no começo, mas ganhando velocidade enquanto ela observava o homem alto chutar o bandido morto, depois vir em sua direção a passos rápidos, quase ameaçadores... O mundo girou mais rápido, levando-a para um buraco negro. Pela primeira vez na vida, Alexandra desmaiou.

Jordan se agachou ao lado do cavaleiro caído, suas mãos brutas na pressa de tirar o elmo para poder avaliar os ferimentos do dono da armadura.

— Depressa, Grimm! — gritou ele para o cocheiro, que lutava para se levantar, recuperando-se do soco do bandido que o deixara inconsciente. — Venha me ajudar com esta maldita armadura.

— Ele se machucou, Vossa Graça? — perguntou Grimm, correndo até o amo e se ajoelhando.

— É óbvio — disse Jordan, ríspido, fazendo uma careta ao ver o corte na lateral daquele rosto pequeno.

— Mas não levou um tiro?

— Acho que não. Segure a cabeça dele enquanto tiro esta porcaria. Maldição, tome cuidado! — Jogando o elmo para longe, Jordan puxou o peitoral. — Meu Deus, que fantasia absurda — murmurou, mas sua voz soava preocupada enquanto ele analisava o corpo inerte diante de si, procurando por um ferimento de bala ou qualquer sinal de sangue sob a luz da lua. — Está escuro demais para vermos onde ele está ferido. Dê meia-volta com a carruagem, e vamos levá-lo para aquela estalagem por onde passamos. Alguém lá saberá nos informar quem são seus pais, e também poderemos chamar o médico mais próximo. — Jordan gentilmente pegou seu jovem

salvador no colo, chocado ao descobrir como o rapaz era leve. — Ele é só um menino, não deve ter mais de 13 ou 14 anos — concluiu com a voz rouca, sentindo-se culpado por ter causado sofrimento ao jovem corajoso que viera ao seu resgate.

Pegando o garoto no colo sem qualquer dificuldade, Jordan o levou para a carruagem.

A CHEGADA DO DUQUE à estalagem com uma Alexandra inconsciente nos braços causou um furor de comentários grosseiros e sugestões libertinas dos ocupantes do salão, que, a esta altura da noite, já estavam bastante embriagados.

Com a indiferença suprema de um verdadeiro aristocrata aos meros mortais, Jordan ignorou a balbúrdia ao redor e foi direto até uma garçonete.

— Quero o melhor quarto, e peça ao proprietário para vir tratar comigo imediatamente.

A garçonete fitou a parte de trás da cabeça cheia de cachos escuros de Alexandra, olhou para o cavalheiro alto e vestido de forma impecável e saiu apressada para cumprir suas instruções na ordem em que foram dadas, começando pelo melhor quarto da hospedaria.

Com cuidado, Jordan deitou o menino na cama e soltou os laços na gola da túnica dele. O garoto gemeu, suas pálpebras abriram, e o duque se deparou com olhos enormes e lindos, de um azul-esverdeado surpreendente, adornado por cílios curvados e absurdamente compridos — olhos que o encaravam de volta num espanto confuso. Sorrindo para acalmá-lo, ele disse:

— Bem-vindo de volta ao mundo, Galahad.

— Onde... — Alexandra molhou os lábios secos. Sua voz estava estranhamente rouca. Ela pigarreou e tentou de novo, conseguindo emitir um murmúrio baixo, arranhado. — Onde estou?

— Numa estalagem, perto do lugar onde se feriu.

Os detalhes macabros voltaram de uma só vez, e Alexandra sentiu lágrimas quentes queimarem suas pálpebras.

— Eu o matei. Eu *matei* aquele homem — engasgou ela.

— E salvou duas vidas por causa disso. A minha e a do meu cocheiro.

Desorientada, Alexandra aceitou esse argumento e se agarrou a ele, buscando consolo. Ainda incapaz de se concentrar direito, ela observou enquanto o homem tateava suas pernas, sentindo-se muito distante. Seu corpo nunca fora tocado por alguém além de sua mãe — e isso já fazia muitos e muitos anos. A sensação era levemente agradável e estranhamente incômoda, mas, quando as mãos do homem começaram a apalpar com delicadeza suas costelas, ela arfou e agarrou os pulsos grossos.

— Senhor! — grasnou Alex, desesperada. — O que está fazendo?

O olhar de Jordan baixou para os dedos magros que agarravam seu braço com uma força que parecia causada pelo medo.

— Estou verificando se você quebrou algum osso, jovem. Já mandei que chamassem um médico e o dono da estalagem. Se bem que, agora que você acordou, pode me dizer seu nome e o endereço do médico mais próximo.

Assustada e sabendo do valor exorbitante que os médicos cobravam por seus serviços, Alex disse, afobada:

— O senhor faz ideia de quanto esses sanguessugas *cobram* hoje em dia?

Jordan encarou o garoto pálido com olhos lindos e sentiu um misto de compaixão e admiração profunda — uma combinação de emoções que lhe era completamente desconhecida.

— Você se machucou por minha causa. Naturalmente, o tratamento ficará por minha conta.

Ele abriu um sorriso, e logo Alexandra sentiu os últimos vestígios de confusão desaparecerem de sua mente. O homem mais alto e, sem sombra de dúvida, mais lindo que já vira, que já imaginara, sorria para ela. Seus olhos eram de um tom prateado-cinza de cetim e aço; seus ombros, muito largos; sua voz de barítono, agradável e irresistível. Em contraste com o rosto bronzeado, seus dentes eram muito brancos, e, apesar da força bruta masculina ser nítida nos contornos firmes de sua mandíbula e queixo, seu toque era delicado, e as linhas que se formavam nos cantos dos seus olhos mostravam que tinha senso de humor.

Ao erguer o olhar para o gigante sobre ela, Alexandra se sentiu pequena e frágil demais. Curiosamente, também se sentiu segura. Mais segura do que nos últimos três anos. Soltando os pulsos dele, ela ergueu a própria mão e tocou num corte no queixo do homem.

— O senhor também se machucou — disse ela, abrindo um sorriso tímido.

Jordan prendeu a respiração diante do deslumbre inesperado daquele sorriso radiante, ficando imóvel de surpresa ao sentir um estranho formigamento ao toque do menino. Ao toque de um menino. Afastando a mão pequena num gesto ríspido, o duque se perguntou, mal-humorado, se o tédio com as distrações comuns da vida estava lhe transformando num perverso.

— Você ainda não me disse seu nome — disse ele num tom propositalmente frio enquanto começava a explorar as costelas do rapaz, observando seu rostinho em busca de sinais de dor.

Alexandra abriu a boca para responder, mas soltou um grito de pânico indignado quando ele levou as mãos aos seus seios.

Jordan se afastou como se tivesse se queimado.

— Você é uma menina!

— Eu nasci assim! — rebateu ela, magoada pelo tom ríspido e acusatório na voz dele.

O absurdo daquela conversa foi percebido pelos dois ao mesmo tempo: a carranca de Jordan se transformou num largo sorriso, e Alexandra começou a rir. Foi assim que a Sra. Tilson, esposa do dono da estalagem, encontrou os dois — na cama, rindo, com as mãos do homem a alguns centímetros da camisa aberta e do busto da moça.

— Alexandra Lawrence! — explodiu ela, invadindo o quarto como um navio de guerra em velocidade máxima, lançando faíscas pelos olhos que miravam as mãos masculinas sobre a camisa aberta da moça. — O que significa isto?

Por sorte, Alexandra estava aérea demais para compreender as insinuações por trás do que a Sra. Tilson via e pensava, mas Jordan entendeu

tudo e ficou enojado com a mente doentia da mulher, capaz de acusar uma garota de, no máximo, 13 anos de causar a própria desgraça moral. O rosto dele assumiu uma expressão severa, e sua voz, imponente e autoritária, tinha um tom gélido.

— A Srta. Lawrence se machucou num acidente na estrada, ao sul daqui. Chame um médico.

— Não, não chame, Sra. Tilson — disse Alexandra, e se sentou rapidamente, apesar de sua cabeça girar. — Estou bem e quero ir para casa.

Jordan se direcionou à mulher desconfiada num tom enérgico e ríspido.

— Já que é assim, vou levá-la para casa, e a senhora pode enviar o médico para um recuo na estrada a alguns quilômetros ao sul daqui. Lá, ele encontrará dois vigaristas que não precisam mais de ajuda, mas que devem ser removidos. — Jordan enfiou a mão no bolso e pegou um cartão que exibia seu nome sob um pequeno brasão dourado. — Voltarei aqui para responder a perguntas que ele possa ter depois que eu devolver a Srta. Lawrence a sua família.

A Sra. Tilson resmungou qualquer coisa sobre ladrões e pouca-vergonha, pegou o cartão, olhou de cara feia para a camisa aberta de Alexandra e saiu pisando duro.

— O senhor pareceu surpreso... sobre eu ser uma menina, quero dizer — comentou Alexandra, hesitante.

— Francamente, esta foi uma noite cheia de surpresas — respondeu Jordan, esquecendo a Sra. Tilson e voltando sua atenção para a moça. — Seria intrometido demais da minha parte perguntar por que você estava usando aquela armadura?

Devagar, Alexandra tirou as pernas da cama e tentou se levantar. O quarto parecia rodar.

— Eu consigo andar — protestou ela quando o homem se aproximou para segurá-la.

— Mas prefiro carregá-la — disse Jordan com firmeza, e assim o fez.

Por dentro, Alexandra sorriu para a forma despreocupada com que ele atravessou o salão da hospedaria, serenamente indiferente aos aldeãos que o

encaravam, carregando uma garota desgrenhada e suja que vestia calça e camisa.

Porém, assim que ele a depositou com cuidado no assento macio e luxuoso de sua carruagem e se acomodou em frente a ela, toda a graça da situação desapareceu. Alexandra sabia que eles logo passariam pelo local da cena abominável que ela ajudara a criar.

— Eu tirei a vida de um homem — disse a moça num sussurro atormentado quando o veículo se aproximou do temido recuo na estrada. — Nunca vou me perdoar.

— E eu nunca a perdoaria se você não tivesse feito isso — disse Jordan com um tom bem-humorado na voz. Sob a luz fraca das luminárias da carruagem, os grandes olhos azuis cheios de lágrimas se focaram no rosto dele, buscando por algo, silenciosamente pedindo para serem consolados, e o duque reagiu sem pensar. Esticando-se para a frente, ele a tirou do banco e a colocou no colo, embalando-a em seus braços como a criança atormentada que era. — O que você fez foi muito corajoso — murmurou ele contra os cachos escuros e macios que roçavam sua bochecha.

Alexandra respirou fundo, trêmula, e balançou a cabeça, sem perceber que esfregava a bochecha contra o peito dele.

— Não foi coragem. Eu estava assustada demais para sair correndo, como qualquer pessoa sensata faria.

Enquanto abraçava aquela criança inocente, Jordan foi pego de surpresa pelo pensamento inédito de que um dia poderia ter uma filha para acalantar. Havia algo muito comovente na forma como a garotinha estava aconchegada contra seu corpo, confiando nele. Porém, ao lembrar que garotinhas encantadoras sempre se tornavam moças mimadas, o duque logo descartou o pensamento.

— Por que você estava usando aquela velha armadura? — perguntou ele pela segunda vez naquela noite.

Alexandra lhe contou sobre as justas, que eram uma tradição de aniversário dos O'Toole, e o fez rir várias vezes ao descrever seus fracassos e triunfos no torneio do dia.

— As pessoas fora de Morsham não brincam de justas? Sempre achei que todos se comportassem do mesmo jeito em todos os lugares, mas não posso ter certeza, já que nunca saí daqui. É bem provável que nunca saia.

Jordan ficou tão chocado que caiu em silêncio. Em seu vasto círculo de conhecidos, todos viviam viajando. Era difícil aceitar que aquela criança inteligente jamais veria outro lugar além do vilarejo minúsculo esquecido no meio do nada. O duque fitou o rosto obscurecido dela e a descobriu lhe observando de volta com uma curiosidade amigável, algo bem diferente da admiração reverente à qual estava acostumado. Por dentro, ele sorriu da imagem das crianças camponesas desinibidas brincando de justas. Como aquela infância devia ser diferente daquela da aristocracia. Ele próprio fora criado por governantas, controlado por tutores, orientado a permanecer limpo e arrumado o tempo todo, sempre com alguém lhe lembrando de agir como o ser superior que era desde o nascimento. Talvez as crianças que cresciam em lugares remotos como aquele fossem melhores e diferentes — ingênuas, corajosas, despreziosas, como Alexandra. Pela vida que a menina lhe descrevera, Jordan começou a achar que, no fim das contas, eram as crianças camponesas que tinham sorte. Crianças camponesas? De repente, ocorreu a ele que não havia nada rústico nas palavras refinadas da menina.

— Por que o cocheiro chama o senhor de “Vossa Graça”? — perguntou Alexandra com um sorriso, e uma covinha surgiu em sua bochecha.

Jordan afastou o olhar daquele lindo detalhe.

— Geralmente é assim que as pessoas se dirigem aos duques.

— Duques? — repetiu a garota, decepcionada ao descobrir que o belo desconhecido obviamente pertencia a um mundo fora de seu alcance e, portanto, desapareceria de sua vida para sempre. — O senhor é mesmo um duque?

— Infelizmente — respondeu ele, percebendo a tristeza dela. — Você se decepcionou?

— Um pouco — respondeu Alexandra, surpreendendo-o. — Como as pessoas o chamam? Além de duque, quero dizer.

— Tenho uma infinidade de nomes — disse ele, achando graça e, ao

mesmo tempo, ficando confuso diante das reações genuínas e transparentes dela. — A maioria das pessoas me chama de Hawthorne, ou Hawk. Meus amigos mais próximos me chamam pelo meu nome de batismo, Jordan.

— Hawk combina com o senhor — observou Alexandra, mas sua mente inteligente já chegara a uma conclusão importante. — Será que aqueles bandidos decidiram roubá-lo porque o senhor é um duque? Quero dizer, foi muito arriscado o terem abordado tão perto da estalagem.

— A ganância já é um bom motivo para se arriscar — respondeu Jordan.

Ela concordou com a cabeça e citou baixinho:

— “Não existe fogo mais forte que a paixão, tubarão mais feroz que o ódio, furacão mais devastador que a ganância.”

Pego de surpresa, Jordan a encarou.

— O que você disse?

— Foi Buda quem disse, não *eu* — explicou Alexandra.

— Eu conheço a frase — disse Jordan, lutando para recuperar a compostura. — Só me surpreende que *você* a conheça também. — Então viu uma luz fraca saindo de uma casa escura logo à frente e presumiu que aquela fosse a moradia dela. — Alexandra — disse ele com rapidez e seriedade, enquanto se aproximavam do destino —, nunca se sinta culpada pelo que fez hoje. Não há motivo para isso.

Ela o encarou com um tenro sorriso, mas, conforme a carruagem parava diante da entrada esburacada de uma casa grande caindo aos pedaços, subitamente exclamou:

— Ah, não!

O coração da moça apertou diante da visão da carruagem pomposa e da égua sofisticada do escudeiro, que ainda estava amarrada perto da porta da frente. Ela torcera tanto para os convidados já terem ido embora.

O cocheiro abriu a porta e baixou a escada, mas, quando Alexandra fez menção de seguir o duque para fora da carruagem, ele se aproximou e a pegou no colo.

— Tenho certeza de que consigo andar — reclamou ela.

O sorriso preguiçoso e íntimo no rosto dele a fez perder o fôlego.

— É muito vergonhoso para um homem do meu tamanho ser salvo por uma garotinha, mesmo que ela use uma armadura. Pelo bem do meu ego ferido, você deve permitir que eu seja galante agora.

— Pois bem — concordou Alexandra com uma risada resignada. — Quem sou eu para abalar o ego de um nobre duque?

Jordan mal prestara atenção ao que ela dissera; seu rápido olhar registrava a grama alta em torno da casa, as cortinas penduradas tortas nas janelas e todos os outros sinais de um lugar que precisava urgentemente de reparos. Aquela não era a casa humilde que ele esperava encontrar; em vez disso, era uma habitação velha, sombria e negligenciada, cujos habitantes claramente não tinham dinheiro para mantê-la. Passando o peso de Alexandra para o braço e a perna esquerdos, ele bateu à porta, notando a tinta descascada.

Quando ninguém atendeu, Alexandra explicou:

— Acho que o senhor precisa bater mais forte. Penrose é bem surdo, sabe, apesar de ser orgulhoso demais para admitir.

— Quem é Penrose? — perguntou Jordan, batendo mais forte na porta pesada.

— Nosso mordomo. Quando papai morreu, tive que dispensar os criados, mas Penrose e Filbert eram doentes e velhos demais para encontrar trabalho. Os dois não tinham para onde ir, então ficaram aqui e concordaram em trabalhar em troca de abrigo e comida. Penrose também cozinha e ajuda com a limpeza.

— Que estranho — murmurou Jordan, pensando em voz alta e esperando a porta ser aberta.

Sob a luz da lamparina acima da porta, o rosto atrevido dela o encarou com uma risada curiosa.

— O que é “estranho”?

— Um mordomo surdo.

— Então o senhor vai achar Filbert ainda mais esquisito.

— Duvido muito — respondeu Jordan, seco. — Quem é Filbert?

— Nosso laçao.

— Será que quero saber qual é a enfermidade dele?

— Problema de vista — respondeu Alexandra, ingênua. — Ele enxerga tão mal que confundiu uma parede com uma porta na semana passada e deu com a cara nela.

Para seu horror, Jordan sentiu uma risada subindo por sua garganta. Tentando não ferir o orgulho da garota, ele foi tão solene quanto possível ao dizer:

— Um mordomo surdo e um laçao cego... Que, hum, pouco convencional.

— É mesmo, não acha? — concordou Alexandra, quase orgulhosa. — Mas eu também não gostaria de ser convencional. — Com um sorriso alegre, ela citou: — “A convenção é o refúgio de uma mente estagnada.”

Jordan ergueu a mão e bateu com tanta força à porta que conseguiu ouvir o som vibrando dentro da casa, mas seu olhar curioso permaneceu no rosto risonho dela.

— Quem disse isso sobre as convenções? — perguntou ele, inexpressivo.

— Eu — admitiu a garota, sem qualquer traço de arrependimento. — Inventei agora.

— Mas quanta impertinência — disse Jordan, sorrindo, e, antes de perceber o que estava fazendo, fez menção de dar um beijo carinhoso e paternal na testa dela.

Ele controlou o impulso quando a porta foi escancarada por um Penrose grisalho, que lançou um olhar indignado para ele e disse:

— Não há necessidade de espancar a porta dessa maneira escandalosa, senhor! Ninguém aqui é surdo!

Momentaneamente incapaz de falar devido à bronca que acabara de levar de um mero mordomo cujo uniforme era desbotado e esfarrapado, Jordan abriu a boca para colocar o criado no seu devido lugar, como ele merecia, mas o velho tinha acabado de perceber que ele carregava Alexandra, e ela exibia um hematoma no rosto.

— O que o senhor fez com a Srta. Alexandra?! — chiou o criado, furioso, esticando os braços frágeis com a óbvia intenção de pegá-la.

— Leve-me até a Sra. Lawrence — ordenou Jordan, ríspido, ignorando o

gesto do mordomo. — Eu disse para nos levar imediatamente até a Sra. Lawrence — continuou ele num tom mais alto quando o homem não pareceu ouvir.

Penrose o encarou com raiva.

— Eu ouvi da primeira vez — declarou ele com impaciência, virando-se para obedecer. — Até os mortos ouviram... — murmurou enquanto se afastava.

As expressões nos rostos que se viraram para encará-los assim que entraram na sala de estar eram bem piores do que qualquer coisa que Alexandra pudesse ter imaginado. Sua mãe pulou da cadeira, dando um grito abafado; o robusto escudeiro e sua esposa se inclinaram para a frente, vidrados, extremamente curiosos — encarando a camisa de Alexandra, que estava tão aberta que quase exibia seus seios.

— O que aconteceu? — perguntou a Sra. Lawrence, agitada. — Alexandra, seu rosto... Meu Deus, o que houve?

— Sua filha salvou minha vida, Sra. Lawrence, mas, no processo, foi golpeada no rosto. Garanto que parece pior do que é.

— Por favor, me coloque no chão — disse Alexandra com agitação, pois a mãe parecia prestes a desmaiar. Quando Jordan obedeceu, ela resolveu que devia fazer as apresentações, mesmo que atrasadas, para tentar manter algum senso de decoro. — Mãe — disse ela num tom tranquilo, reconfortante —, este é o Duque de Hawthorne. — Apesar de Felicia se engasgar, Alexandra continuou falando de forma educada e indiferente: — Eu o encontrei quando ele e seu cocheiro estavam sendo atacados e... atirei em um dos bandidos. — Virando-se para Jordan, ela continuou: — Vossa Graça, esta é minha mãe, a Sra. Lawrence.

O silêncio reinou absoluto. A Sra. Lawrence parecia ter perdido a capacidade de falar, e o escudeiro e a esposa continuavam encarando a cena, boquiabertos. Envergonhada pela total ausência de som no cômodo, Alexandra se virou com um enorme sorriso aliviado para seu tio Monty, que entrava cambaleante na sala, oscilando levemente, seus olhos vítreos dando sinais de uma noite inteira bebendo o vinho Madeira proibido.

— Tio Monty — disse ela, um pouco desesperada —, trouxe um convidado. Este é o Duque de Hawthorne.

O velho se apoiou na bengala com castão de marfim e piscou duas vezes, tentando focar o rosto do visitante.

— Por Deus! — exclamou, chocado. — É *mesmo* Hawthorne! — Lembrando-se de sua educação, o velho executou uma mesura desajeitada e disse: — Sir Montague Marsh, Vossa Graça, ao seu dispor.

Alexandra, que só estava envergonhada pelo desconforto do longo silêncio e não pela casa dilapidada, pelos criados idosos ou por seus parentes de comportamento peculiar, abriu um sorriso radiante para Jordan e inclinou a cabeça na direção de Filbert, que entrava na sala com uma travessa de chá. Ignorando o fato de que provavelmente cometia uma gafe social gravíssima ao apresentar um aristocrata a um mero laçao, ela disse com doçura:

— E este é Filbert, que faz tudo que não é da alçada de Penrose. Filbert, este é o Duque de Hawthorne.

O laçao ergueu a cabeça enquanto depositava a bandeja sobre a mesa, apertando os olhos na direção do tio Monty.

— É um prazer — disse ele para o homem errado, e Alexandra viu os lábios do duque se contorcerem.

— Gostaria de ficar para o chá? — ofereceu ela, analisando um vislumbre de riso naqueles olhos acinzentados.

O duque sorriu, mas balançou a cabeça sem exibir qualquer sinal de remorso.

— Não posso, pequena. Ainda tenho uma longa jornada pela frente, e, antes de retornar à estrada, preciso voltar à estalagem e conversar com as autoridades. Tenho que explicar o que aconteceu hoje. — Despedindo-se de sua plateia curiosa com um aceno de cabeça, Jordan olhou para o rosto encantador que o observava. — Poderia me acompanhar até a porta? — pediu.

Alexandra concordou com a cabeça e o levou até a saída, ignorando o burburinho de vozes que explodiu às suas costas, com a esposa do escudeiro perguntando numa voz histérica:

— Como assim ele precisa “voltar à estalagem”? Ora, Sra. Lawrence, isso não significa que Alexandra estava lá com...

Na entrada, o duque parou e olhou para Alexandra com tanto carinho em seus olhos acinzentados que ela sentiu o corpo todo esquentar. E quando ele ergueu a mão e a levou com delicadeza até o queixo machucado dela, o coração de Alex foi parar na garganta.

— Aonde... aonde o senhor está indo? — perguntou ela, tentando prolongar sua estada.

— Para Rosemeade.

— O que é isso?

— É a pequena casa de campo da minha avó. Ela gosta de ficar lá, acha o lugar “aconchegante”.

— Ah — respondeu Alexandra, achando bem difícil falar ou respirar enquanto os dedos dele acariciavam deliciosamente sua bochecha, sendo observada com um olhar quase reverente.

— Nunca vou esquecer você, pequena — disse o duque, a voz baixa e rouca enquanto ele se inclinava e pressionava os lábios quentes na testa dela. — Não permita que ninguém mude você. Continue exatamente do jeito que é.

Quando ele foi embora, Alexandra permaneceu imóvel, tonta por causa do beijo que parecia ter ficado marcado em sua testa.

Não lhe ocorreu que ela poderia estar deslumbrada por um homem que usava a voz e o sorriso para seduzir e desarmar mulheres. Conquistadores experientes não eram sua especialidade.

PORÉM, SALAFRÁRIOS MULHERENGOS e conquistadores experientes eram a especialidade da Sra. Lawrence, que fora vítima de um galanteador safado quando era um pouco mais velha que a filha. Assim como o Duque de Hawthorne, seu marido era lindo, educado, usava roupas bonitas e não tinha qualquer escrúpulo.

E foi por isso que, quando Alexandra acordou na manhã seguinte, se deparou com a mãe entrando de supetão no quarto, a voz cheia de fúria.

— Alexandra, acorde agora mesmo!

Ela se sentou na cama e afastou o cabelo encaracolado dos olhos.

— Aconteceu alguma coisa?

— Vou lhe dizer o que aconteceu — disse a mãe, e a moça ficou surpresa com a virulência que emanava dela. — Já tivemos quatro visitas esta manhã, começando com a esposa do dono da estalagem, que me informou que você dividiu um quarto com aquele crápula despudorado, sedutor de inocentes. Os dois visitantes depois dela eram fofoqueiros curiosos. E o quarto — anunciou a Sra. Lawrence com a voz oscilante de raiva e lágrimas contidas — foi o escudeiro, que veio informar que seu comportamento escandaloso ontem à noite, o estado de suas roupas e sua falta de modéstia e bom senso o fizeram chegar à conclusão de que você não seria uma esposa digna para o filho dele nem para qualquer outro homem de bem.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>